

# Conferência começa com sucessão de denúncias

*O apartheid e as formas de preconceito foram destaque do dia em que não se falou de Mandela*

JOSÉ MARIA MAYRINK  
Enviado especial

**D**URBAN, África do Sul – O show de 13 rapazes e moças do Ballet Theater Afrikan, que mesclou coreografias clássicas e folclóricas num belo espetáculo inspirado na arte dos cinco continentes, foi o único momento de descontração da sessão de abertura da 3.ª Conferência Mundial contra o Racismo, ontem, no Centro Internacional de Convenções de Durban.

Quando os bailarinos se afastaram, sob aplausos de chefes de Estado, diplomatas, delegados e jornalistas, a festa transformou-se literalmente no palco de uma sucessão de denúncias contra todos tipos de discriminação que marcaram o século 20, especialmente durante o regime de apartheid que oprimiu os negros na África do Sul até menos de dez anos atrás.

“Por décadas, o nome deste país foi sinônimo da mais vil forma de racismo”, afirmou o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, prestando homenagem aos homens que lutaram pela justiça e pela liberdade em várias fases da história sul-africana.

Annan lembrou Ghandi, que foi imigrante na África do Sul antes de livrar a Índia do colonialismo britânico, e citou os heróis negros da investida final contra o racismo. Os nomes de Olivier Tambo, Steve Biko e Govan Mbeki – que morreu na véspera da conferência – foram muito aplaudidos. O secretário-geral da ONU disse que não podia se esquecer de F. W. Klerk, “que enfrentou o inevitável e convenceu o seu povo (os brancos) a aceitar esse inevitável”.

Nenhuma referência a Nelson Mandela, um dos maiores símbolos dessa luta, o homem que assumiu a presidência da África do Sul em 1994, depois de haver passado 27 anos no cárcere. “Saudamos sua liderança, saudamos o heróico movimento que o senhor representa”, disse Annan, transferindo as homenagens para o atual presidente, Thabo Mbeki, filho de Govan Mbeki.

Sentada na ala reservada à imprensa, Winnie Madikizela Mandela, que continua usando o sobrenome de Nelson Mandela, depois de ter-se divorciado dele, aplaudia as referências à luta contra o apartheid. Ela chegou acompanhada de um guarda de segurança da ONU e recebeu a solidariedade de várias pessoas que a reconheceram e lamentaram que o protocolo não lhe tivesse dado um lugar de mais visibilidade.

Kofi Annan disse que pedir perdão pela discriminação, como têm feito alguns políticos, não apaga os erros do passado.

“Tal gesto em alguns casos pode livrar o presente e o futuro das ruínas do passado”, afirmou o secretário-geral da ONU, acrescentando que os pecados do passado não devem desviar a atenção dos males presentes. “Ninguém nasce racista, as crianças aprendem o racismo, enquanto crescem, da sociedade em volta delas.”

**Oriente Médio** – Referindo-se aos conflitos do Oriente Médio, ele disse que, se o holocausto jamais poderá ser esquecido, também não se pode justificar o que os judeus têm feito contra os palestinos. Entre os convidados oficiais, o presidente da Autoridade Palestina, Yasser Arafat, ouvia com interesse a advertência do secretário-geral da ONU. “Espero muita coisa desta conferência, não só para o povo palestino, mas para todos aqueles que sofrem discriminação”, disse Arafat em resposta a uma pergunta



A síntese do conflito: judeus ortodoxos passam sob imagem de menino palestino de 12 anos morto

do Estado, ao sair do plenário.

O presidente de Cuba, Fidel Castro, saiu da sessão de abertura elogiando o esforço da ONU para combater a discriminação. De terno escuro, ele ensaiou um a entrevista à imprensa, mas foi arrastado para fora pelos agentes de segurança cubanos que o acompanhavam. À tarde, Fidel voltou à conferência para uma mesa-redonda com chefes de governo.

O segundo orador da sessão de abertura foi o presidente da África do Sul. Thabo Mbeki garantiu a solidariedade de seu país às vítimas de discriminação. “Este é um povo que sabe o que significa ser vítima do racismo odioso e da discriminação racial”, disse Mbeki, lembrando que foram as mulheres que mais sofreram.

O que tem ocorrido no mundo, em matéria de preconceitos e perseguições por causa da

cor da pele, acrescentou o presidente, parece tornar verdadeiros os versos de uma canção que dizia assim: “If you’re white alright; if you are brown, stick around; if you are black, oh bro-

ther, get back, get back, get back (Se você é branco, tudo bem; se é pardo, fique de lado; se é negro, meu irmão, caia fora, caia fora, caia fora).”

**Protesto** – Enquanto os oradores se sucediam do plenário, árabes e judeus promoviam protestos nas redondezas do centro de convenção, acompanhados de perto pela polícia. Os judeus denunciavam anti-semitistas, enquanto árabes e palestinos apontavam o sionismo como nova forma de racismo. Essa discussão promete chegar às salas da conferência, com pressões fortes dos dois lados. Um grupo de rabinos programou uma reunião para o começo da semana. Entre eles, há quem apóie a causa palestina.